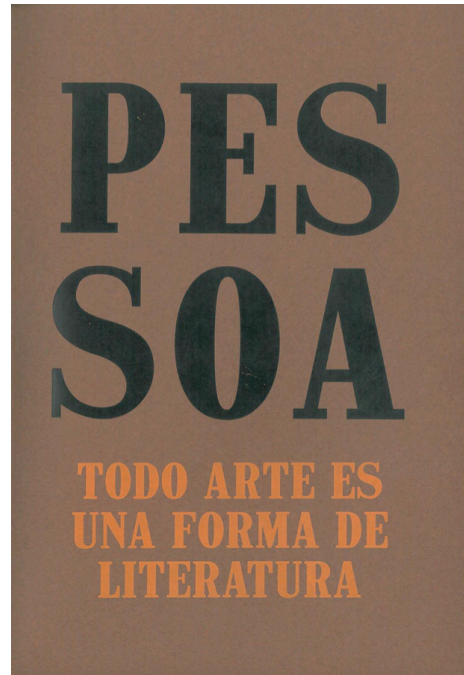


Pessoa Revisitado entre os Artistas Visuais

Sílvia Laureano Costa*

FERNANDES, João; PINEDA, Mercedes [eds.] (2018). *Pessoa. Todo arte es una forma de literatura*. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 327 pp. [ISBN 978-848-0265638].

«Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa», afirma Álvaro de Campos numa nota publicada em 1936, na revista *Presença* – longe de saber que, um dia, as suas palavras iriam ser o mote para um encontro feliz com diversas (e numerosas) formas de arte. A exposição *Pessoa. Todo arte es una forma de literatura*, patente no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, entre os dias 6 de Fevereiro e 7 de Maio de 2018, e o catálogo homónimo, editado pelo departamento de Actividades Editoriais do mesmo museu, conseguiram (e conseguem ainda, no caso do livro) dizer muitas coisas sobre as obras e os artistas que marcaram um período ímpar da arte em Portugal: o modernismo.



Assinalando os 130 anos do nascimento de Fernando Pessoa (1888-1935), este catálogo (com edição de Mercedes Pineda e João Fernandes, um dos comissários da exposição, juntamente com Ana Ara) ilumina o diálogo entre-artes, o encontro das letras e da pintura, que ocorreu em Portugal nas primeiras décadas do século XX – um tempo de apropriação das vanguardas europeias e, simultaneamente, uma oportunidade de concepção de linhas estéticas muito próprias – abrindo, quase inevitavelmente, uma teia de relações com o ultraísmo espanhol, ainda que Fernando Pessoa nunca tenha escrito «en efecto, la palabra *ultraísmo*», como frisa Antonio Sáez Delgado (2018: 265).

Pessoa, poeta e escritor por vocação, como o próprio se apresenta, um dos motores da *Orpheu* – revista que «ejemplifica la naturaleza colectiva de la vanguardia portuguesa», segundo Fernando Cabral Martins (2018: 211) – e um pensador de arte em absoluto, foi o criador dos três *ismos* que distinguiram a cena artística deste período em Portugal: o paulismo – «expresión de una textualidad repleta de sinestias e imágenes contradictorias y decadentistas» (2018: 141) –, o interseccionismo – que «contrapone la multiplicidad de planos de la

* Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT).

representación cubista con una intersección de planos y referencias desprovistos de figura o principio unificador», nas palavras dos editores do catálogo (2018: 153) – e o sensacionismo – em que as sensações são «materia prima de su trabajo de intelectualización», como destaca Marta Soares (2018: 88).

O catálogo abre com a questão da heteronímia pessoana (em «Pessoa, plural como el universo»), para seguir o mote dos três *ismos*, em dois momentos distintos: «Paulismo, declinación del simbolismo» e «Ismos distintos: intersección y sensación», continuando com uma secção dedicada às artes cénicas («Gestos para un teatro») e acabando com uma parte sobre o segundo momento do modernismo português, protagonizado pela revista *Presença* («Ausencia en *Presença*, segunda modernidade»). Pelo meio, encontramos os ensaios de Marta Soares, «La literatura con (y contra) la pintura»; de Fernando Cabral Martins, «Pessoa entre *Orpheu* e *Athena*»; e de Antonio Sáez Delgado, «Fernando Pessoa, el ultraísmo y la pintura», que contribuem para um enquadramento teórico rigoroso do envolvimento de Pessoa nas vanguardas portuguesa e espanhola.

Ao leitor é dada a oportunidade de percorrer as páginas deste catálogo (de elevado cuidado gráfico, sublinhe-se) com um puro deleite artístico – em que a literatura e as reproduções de desenhos, de pinturas e de fotografias estão lado a lado a convergir para o todo que é a Arte. E tudo isto acontece na senda das palavras de Fernando Pessoa – mais concretamente dos trinta textos vertidos para castelhano (por Antonio Jiménez Morato, Marta Pino e Mercedes Pineda), numerados e destacados em folhas cor-de-rosa, que valorizam o número de traduções existentes e contribuem em larga medida para a difusão deste autor no mundo hispânico.

É o Pessoa «auditivo», como o apelidou Almada Negreiros no seu ensaio *Orpheu 1915-1965*,¹ que dialoga conosco e que se assume como guia neste álbum (mais do que catálogo-memória de uma exposição), em profunda comunhão estética com diversos artistas que lhe foram contemporâneos, entre os quais Almada, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Santa-Rita Pintor, Teixeira de Pascoaes, Sarah Affonso, Júlio, Mário Eloy, Sonia e Robert Delaunay. No final do catálogo, é apresentada uma lista completa e detalhadas das obras que estiveram presentes na exibição.

Pessoa. Todo arte es una forma de literatura (exposição e catálogo) estabelece uma ligação com os trabalhos que colocam Fernando Pessoa entre os artistas visuais – recorde-se a exposição (e o catálogo²) *Weltliteratur: Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o Mundo!*, em 2009, na Fundação Calouste Gulbenkian –, e vem dar continuidade às investigações sobre a relação do poeta com Espanha, país onde

¹ NEGREIROS, José de Almada (1965). *Orpheu 1915-1965*. Lisboa: Ática.

² FEIJÓ, António M. [comissário] (2008). *Weltliteratur: Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o Mundo!* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

nunca esteve, por sinal – lembrem-se as mostras *Fernando Pessoa em Espanha*, patentes na Biblioteca Nacional de Portugal³ e na Biblioteca Nacional de Espanha, em 2013 e 2014, respectivamente.

Num jogo constante entre letras e telas, o catálogo que aqui se apresenta permite, assim, «revisitar una de las facetas menos conocidas de la obra pessoana» (2018: 23), de acordo com Manuel Borja-Villel (director do MNCARS), mas também estreitar as ligações entre a literatura e as belas-artes, ao mesmo tempo que lança pistas importantes para aprofundar os paralelismos artísticos entre Portugal e Espanha.

³ SÁEZ DELGADO, Antonio; PIZARRO, Jerónimo [comissários] (2014). *Fernando Pessoa em Espanha*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Babel.